

## ASPECTOS VERBAL E DÊIXIS\*

Anna Fuchs (Universidade de Göttingen RFA)

1.0. Delimitação da noção de aspecto. O termo aspecto neste artigo refere-se às funções de elementos gramaticais altamente recorrentes como a do componente morfêmico que (em português, p. ex.) entra na formação do imperfeito (e do mais-que-perfeito composto, etc.), a do componente que entra na formação do perfeito simples, a do componente que caracteriza as formas do 'progressivo' (estou falando, estava falando etc.). As funções aspectuais neste sentido do termo são altamente específicas; dado significado aspectual numa língua é associado a dado componente morfêmico único, não pode ser expresso por recursos variáveis.

1.1. O aspecto: categoria verbal não dêítica? No seu famoso artigo "Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb", Roman Jakobson, há trinta anos, classificou o aspecto verbal como categoria não-dêítica, e tal tem sido a doutrina oficial desde então. Quer na literatura especializada, quer em manuais tais como "Semantics" de John Lyons, quase uniformemente o aspecto vem sendo declarado não-dêítico.<sup>1</sup>

Essa posição se baseia numa concepção demasiadamente estreita da dêixis. Examinaremos algumas argumentações típicas:

ASPECT characterizes the narrated event itself without involving its participants and without reference to the speech event. ... aspects quantify the narrated event.

TENSE characterizes the narrated event with reference to the speech event.

---

\* Este trabalho constitui uma versão ampliada de uma palestra que fiz na UNICAMP, na UNESP, Araraquara, na UFG, Goiânia, e na UFRGS, Porto Alegre. Também, eu tive oportunidade de apresentar as idéias nele desenvolvidas num curso de extensão na Universidade de Brasília. Agradeço às minhas audiências a viva colaboração, assim como a Stella Maris Bortoni e Lilian M. Zamboni pela revisão do meu texto. Minha estada no Brasil só foi possível graças ao Deutscher Akademischer Austauschdienst, cujo generoso apoio agradeço.

Thus the preterit informs us that the narrated event is anterior to the speech event. (Jakobson 1971 (1957)) ... although both aspect and tense are concerned with time, they are concerned with time in very different ways. As noted above, tense is a deictic category, i.e. locates situations in time, usually with reference to the present moment, though also with reference to other situations. Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the one situation. (Comrie 1976:5.)<sup>2</sup>

The main difference between tense and aspect... is that, whereas tense is a deictic category, which involves an explicit or implicit reference to the time of utterance, aspect is non-deictic... (Lyons 1977:705.)

Praticamente, o argumento se reduz ao seguinte: enquanto os tempos verbais estabelecem uma relação temporal entre o fato predicado e a situação de fala (ou, às vezes, outra situação e referência), isso não se dá no caso do aspecto. Ora, essa constatação é correta, mas ela diz apenas que os aspectos não estabelecem relações temporais, não comprova que não sejam dêiticos. De fato, tratamentos tradicionais como também modernos estão repletos de noções descritivas que apontam para o caráter dêitico. Fala-se muito da "present relevance", relevância para a situação presente, que seria expressa por formas aspectuais em muitas línguas (p. ex., o perfect do inglês); a propósito de outras formas aspectuais (p. ex., os imperfeitos das línguas românticas, do inglês) freqüentemente tem sido observado que os enunciados que as contêm não são 'auto-suficientes', precisam de ser 'ancorados', relacionados com uma situação de referência: vale dizer, esses aspectos se caracterizam pela orientação intrínseca para uma situação de referência do mesmo modo que os signos dêiticos em geral. No caso do aspecto, porém, essa orientação não é de caráter temporal. Como, por outro lado, o modelo tradicional da dêixis se limita às categorias de pessoa, tempo e lugar (e enfatiza indevidamente o papel da situação de fala em detrimento de outras possíveis situações de referência), essas observações não puderam ser integradas teoricamente.

De fato, a teoria tradicional de dêixis é limitada, talvez até fragmentária.<sup>3</sup> Na literatura recente, porém, encontram-se importantes desenvolvimentos, que indicam pontos essenciais para a formulação de uma teoria de maior alcance. Vou destacar brevemente os pontos mais importantes e tirar algumas consequências relevantes para a teoria do aspecto. Entre outras coisas, vou propor uma nova dimensão de referência dêitica, que, além de permitir a formulação de uma teoria dêitica do aspecto, é necessária também para a descrição de outros recursos gramaticais fundamentais, como a acentuação, a ordem das palavras, a diátese (dimensão cujo reconhecimento, a meu ver, contribuirá para organizar a descrição do domínio da dêixis em geral.<sup>4</sup>)

## 1.2. O desenvolvimento da teoria da dêixis e a integração do aspecto.

Nas últimas décadas, foi-se alargando o inventário dos signos considerados dêiticos e, explícita ou implicitamente, dos tipos de relações e pontos de referência dêiticos. Houve observações sobre as modalidades do emprego dos signos dêiticos no discurso, que implicam uma dinamização da teoria.

O modelo clássico incluía apenas pronomes, expressões temporais (entre elas os tempos verbais) e locais, relacionados, respectivamente, a pontos de referência pessoais, temporais e locais. Entretanto, tem sido postulado o caráter dêítico de muitas outras categorias de signos: signos lexicais (p. ex. verbos de movimento e de "transfer" como ir, vir, levar, trazer, adjetivos "relativos" como quente, frio, estreito) e signos gramaticais (o modo verbal, a categoria do caso, a acentuação, a ordem das palavras, a diátese; raramente também o aspecto, cf. nota 1); e têm sido postuladas novas categorias de relação dêítica, tais como as chamadas social deixis e discourse deixis.<sup>5</sup> Nessa última, vêm sendo incluídos não somente indicações demonstrativas de trechos do discurso (acima, abaixo etc.), mas também conjunções e outros elementos 'de ligação' (mas, aliás, além do mais, portanto...) e os recursos da acentuação, da ordem das palavras, da diátese...<sup>6</sup> Ora, a função desses últimos tipos de signos (aí compreendidas a acentuação etc.) é a de indicar relações de relevância temática, relações entre o que é dito e o contexto temático que lhe dá relevância (o 'assunto', ou estado de coisas atingido pelo fato enunciado). Temos aqui uma relação (ou dimensão) dêítica fundamental, a relação de relevância temática; o seu reconhecimento implica o reconhecimento de um novo tipo de ponto de referência dêítica: o contexto temático ('assunto de referência') e os seus elementos.

O papel decisivo da relação de relevância para o conteúdo, a estrutura e a interpretação das mensagens tem sido demonstrado de maneira convincente (basta lembrar Grice, a análise da conversação e da narrativa oral; e vide a importante obra recente de Sperber/Wilson); embora ela não tenha sido reconhecida explicitamente na literatura sobre a dêixis, a relação (ou "dimensão") dêítica da relevância temática é provavelmente a dimensão hierarquicamente superior a todas as outras (é o assunto de referência, p. ex., que determina a 'extensão' de signos dêíticos como aqui, agora - aqui, p. ex., podendo designar um espaço de poucos milímetros como também todo o mundo terrestre, como nos sermões).<sup>7</sup>

No modelo tradicional, a relação entre o significado do signo dêítico e o tipo de ponto de referência consistia numa correspondência muito simples: designação de pessoa - ponto de referência pessoal; designação de lugar - ponto de referência local; designação com conteúdo temporal - ponto de referência temporal. Se tirarmos as possíveis consequências das observações de Fillmore 1981 [ 1976 ] a propósito da "contextualização" dos elementos expressivos (num sentido largo, vide nota 8), considerar-se-ão como dêiticos todos os signos que exprimem avaliação ("epistêmica" - provavelmente, talvez..., 'social' - bonito, útil, infelizmente..., etc) assim como os elementos expressivos no sentido mais estreito (recursos fonéticos e escolha lexical expressivos, etc.), sendo que eles pressupõem, para sua interpretação pragmá-

tica, o relacionamento com uma pessoa-emissora 'responsável' (o falante ou outra pessoa focalizada no discurso). Em consequência, a relação entre o significado do signo dêitico e o tipo de ponto de referência revela-se mais complexo do que no modelo tradicional: assim, o componente de orientação intrínseca para uma pessoa focal encontra-se não só nas designações de pessoas, mas também em todos os elementos expressivos (no sentido largo), incluindo-se aqui também os elementos modais.<sup>8</sup>

Ressalta mais clara, por conseguinte, a importante distinção, no significado dos signos dêiticos, entre, por um lado, a orientação para certo tipo de ponto de referência e, por outro, os componentes relativamente denotativos, os componentes "simbólicos".<sup>9</sup>

O modelo tradicional enfatiza a relação dos signos dêiticos com os dados imediatos da situação de fala e lhes atribui pontos de referência mais ou menos fixos (o falante no caso do signo eu, p. ex., o lugar onde se fala no caso do signo aqui, etc.): uma concepção estática. Análises recentes dos empregos no discurso revelam uma grande flexibilidade na escolha dos pontos de referência. O falante pode tomar como 'centro' de referência o interlocutor ou outra pessoa, ou as coordenadas de toda uma situação 'projetada' (passada, p. ex., ou hipotética), e tais manipulações de perspectiva são muito frequentes, aos fins da economia e elegância da expressão, da polidez, da ironia, da empatia narrativa...<sup>10</sup> Dada essa flexibilidade, não é vantajoso utilizar a referência aos dados imediatos da situação de fala como traço definidos dos elementos dêiticos, como é prática comum.<sup>11</sup>

Os pontos ressaltados e as modificações propostas vão permitir a formulação de uma teoria dêitica do aspecto verbal.

Como já disse, o aspecto se insere no domínio da dêixis de relevância temática (ou seja, dêixis temática), domínio que inclui outros recursos, como a acentuação, a ordem das palavras, a diátese. Naturalmente, esses vários recursos não sinalizam todos a mesma coisa: dentro da função geral do estabelecimento de relações temáticas - ou de relevância - existem subfunções diferentes. Enquanto, p. ex., a acentuação sumariamente confere aos conteúdos afetados por ela um valor de 'novidade' em relação à história de comunicação entre os interlocutores, os aspectos - sumariamente - fornecem indicações sobre a relação entre o estado de coisas ('eventos' ou 'situação') enunciado e outros estados de coisas ('eventos', 'situações') conhecidos pelos interlocutores e (potencialmente) relevantes para eles.<sup>12</sup>

1.3. Dimensões do 'ancoramento' dêitico da predicação. Independentemente do conteúdo lexical, e além das referências dêiticas vinculadas ao estabelecimento do "nexus" predicativo (pessoa, diátese)<sup>13</sup>, as predicações se relacionam a pontos de referência contextuais em três dimensões:

Primeiro, toda predicação, para ser aceita na comunicação e possível de interpretação pragmática, deve se relacionar a um assunto de alguma maneira comum aos interlocutores, dado no discurso ou inferível (o contexto temático): o estado de coisas enunciado por uma predicação precisa ser relacionado com outro estado de coi-

sas que constitui o assunto de referência indispensável para que a predicação tenha relevância. A relação de relevância temática é mais fundamental, nas predicções, que a dimensão dêitica 'clássica', a do tempo: uma predicação pode ser de caráter atemporal sem perder seu valor comunicativo:

- (1) A língua de uma comunidade é um código que serve como veículo para o envio e a recepção de informações entre seus membros. (H. H. do Couto, O que que é português brasileiro, p. 88.)
- (2) (Depois da citação de um monólogo, numa discussão desta forma literária:) Esse trecho pertence ao canto V e faz parte da narrativa das peripécias de Ulisse para voltar ao lar... (L. Ch. Moraes Leite, O foco narrativo, p. 67.)

mas uma predicação sem relação de relevância com um estado de coisas (potencialmente) temático não será aceita.<sup>14</sup>

Na medida, porém, em que uma predicação enuncia um fato concebido como algo transitório (mesmo que de duração muito longa), torna-se indispensável também um ponto de referência temporal.

Do mesmo modo que nem toda predicação tem referência temporal, nem toda predicação afirma o fato enunciado por ela: (talvez) Pedro goste de sorvete, (não sei se) Pedro gosta de sorvete. Mas na medida em que se trata de uma afirmação, precisa-se de um ponto de referência pessoal, a afirmação tem que ser atribuída a alguém (seja o falante, seja outra pessoa dada pelo contexto ou inferível) para ter valor pragmático.

As funções do aspecto, do tempo e do modo são vinculadas a esses três tipos de orientação contextual dos quais depende a interpretação pragmática das predicções: os signos dessas categorias ('marcas' aspectuais, temporais, modais) determinam certos tipos de relação com o contexto (de contextualização, nos termos de Fillmore 1981 [1976]), reduzem em determinadas maneiras a dependência absoluta da interpretação pragmática do contexto ad hoc tal como ela se dá no caso da predicação não marcada com respeito a essas categorias. Atuam os aspectos na dimensão da relevância temática; os tempos, na dimensão das relações temporais, e os modos na dimensão da 'afirmatividade'.

1.4. A teoria das marcas e as categorias de aspecto, tempo e modo. Estrutura dos sistemas verbais. Muitas línguas exibem o seguinte princípio de organização do sistema verbal: à base do sistema, encontra-se um termo não-marcado, sem especialização semântica nem caracterização formal no que concerne as relações aspectuais, temporais e moda: o chamado (indicativo do) presente, p. ex. em português. No plano formal, ele contém somente índices que se referem à relação constitutiva da predicação, a relação entre o sujeito e o predicado: marcas de pessoa e eventualmente de diátese; em concordância com isso, sua função se limita ao estabelecimento dessa relação, ele efetua a mera predicação. As relações de relevância, de tempo, de afirmatividade, no caso do emprego de uma forma do indicativo do presente, todas são deduzidas do contexto, a orientação da predicação depende inteiramente dele.<sup>15</sup>

As 'marcas' morfológicas aspectuais, temporais e modais limitam esta dependência do contexto, fixam - ou seja, gramaticalizam - determinados tipos de relação (de contextualização) para as predicções atingidas por elas. Só as formas mudadas de um desses componentes - ou de uma combinação de tais componentes - constituem o que eu chamaria de aspecto, tempo ou modo 'positivos'.

Esse princípio tem um corolário importante: dado esse tipo de estruturação, os componentes que caracterizam as formas aspectuais, temporais etc. não devem ser considerados como semanticamente marcados ou não-marcados (no sentido da teoria de Jakobson 1971 (1932)) um em relação ao outro. Por exemplo, o componente que forma o perfeito não é marcado em relação ao que forma o imperfeito, e vice versa; dado aspecto, tempo ou modo ('positivo') é marcado só em relação à predicção correspondente sem a marca que o caracteriza: em relação ao (indicativo do) "presente", quando se trata de uma forma com uma só marca; senão, em relação a outra forma relativamente menos caracterizada.<sup>16</sup>

2.1. Dois tipos de funções aspectuais. Todo significado aspectual é vinculado à relação de relevância que liga qualquer predicção com um assunto de referência e seus elementos; os aspectos determinam esta relação de maneiras específicas.

Como se disse acima, vários recursos gramaticais têm a função de especificar a relação de relevância do elemento atingido com o assunto temático e seus elementos. No caso do aspecto, a categoria atingida é a predicção inteira. Parece que o ponto de referência temático - um elemento do assunto de referência -, no caso dos aspectos ('positivos'), sempre é definido como uma situação (num sentido estreito da palavra) ou um 'evento' (uma mudança de situação); as noções de situação - no sentido em que a palavra vai ser usada aqui - e de evento/mudança de situação parecem ser complementares.

Convém distinguir dois tipos básicos de funções: um que chamarei de indicação da localização do ponto de referência da relevância, outro que chamarei de indicação do tipo de relevância. Essa distinção corresponde à distinção mencionada acima em relação aos signos dêiticos em geral, entre a orientação para certo tipo de ponto de referência e os demais traços do significado do signo.

No primeiro grupo encontra-se uma só espécie de função: a indicação da translocação do ponto de referência temático para uma situação 'projetada' (essa função caracteriza, p. ex., o significado do imperfeito português). O segundo grupo compreende várias espécies de caracterização da relevância do enunciado: p. ex., a caracterização do fato predicado como 'evento' (mudança de situação) em relação a uma situação temática (expressa, p. ex., pelo perfeito simples do português) ou como configuração situacional temporária, em relação a um 'evento' temático (cf., p. ex., o 'progressivo' português - estou falando etc.)

Para dar uma primeira idéia aproximativa do que se entende por 'evento', comparemos os dois enunciados (3) e (4):

- (3) Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si (início do primeiro capítulo de "Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas" de Aryon Dall'Igna Rodrigues)
- (4) Teu pai ligou (dito pela mulher ao marido que está voltando do trabalho).

Ambos, nos seus contextos relativos, têm relevância, comunicam um fato referível a um assunto comum aos interlocutores. Mas a relevância do primeiro consiste numa informação de valor genérico, ao passo que o segundo constata um fato resultante de alguma mudança em relação à situação que antes constituía uma realidade comum entre os interlocutores.

Informações sobre mudanças certamente têm na comunicação um valor diferente do que têm as informações sobre fatos considerados como constantes, informações de caráter genérico (porém, a racionalidade do fato de que muitas línguas usem recursos para sinalizá-las merece mais exame e reflexão).

A noção de evento pressupõe a de situação, e vice versa. Ambas essas noções ocupam posições-chave em muitos trabalhos sobre os aspectos (a terminologia pode variar, mas as noções estão lá); sobretudo os eslavistas têm destacado sua importância recentemente. É frequente, porém, que elas sejam confundidas com noções temporais; a conceituação em termos de categorias pragmáticas e sociais não é bastante enraizada na prática da descrição gramatical para se poder fugir facilmente ao magnetismo de noções supostamente mais objetivas como a do tempo.<sup>17</sup> "Evento" e "situação" são noções aproximativas - em última análise, dever-se-á chegar a caracterizações mais abstratas -, mas parece óbvio que deverão ser definidas em termos de normas e expectativas sociais, que poderão variar muito com os contextos (e as culturas). Alguns autores têm procurado caracterizar a situação de referência pressuposta pelos aspectos em termos de localização temporal ou espaço-temporal; no entanto, até a mais precisa localização espaço-temporal não define uma situação no sentido em que estamos usando a palavra aqui e, aliás, no sentido do seu emprego comum. Um estado de coisas só será designado de situação em consequência ou na expectativa de uma mudança, dum 'evento'. (Existe, porém, uma relação de implicação entre as noções de evento e situação e as noções temporais e locais relativas, não-métricas; por isso, é possível derivar determinações temporais e locais relativas, dados certo evento ou certa situação.)

Além das noções "evento" e "situação" introduzi a noção "situação projetada". Ela também, numa forma ou outra, é importante na literatura dedicada aos aspectos (cf. as citações na próxima seção), mas tende a ser formulada em termos temporais. Toda referência, no discurso, a um 'evento' passado ou potencial implica duas situações: a situação relativamente mais aproximada dos interlocutores e seus interesses imediatos, e a situação dentro da qual o evento se produziu ou pode se produzir uma situação 'projetada' em relação à primeira. Ora, em um trecho do discurso on-

de há referência até implícita a um evento e, por conseguinte, a uma situação projetada, um dado enunciado pode ser relevante mais imediatamente à situação mais aproximada ou mais imediatamente à situação projetada. Parece plausível que uma distinção desses dois casos seja útil no processamento das mensagens; os aspectos que indicam a translocação do ponto de referência da relevância temática para uma situação projetada são atestados nas línguas mais diversas. De fato, trata-se aqui dum caso especial da oposição difundida nos sistemas de signos dêiticos em geral, entre signos do tipo há uma hora, amanhã, com ponto de referência mais imediatamente dado, e signos do tipo uma hora antes, o dia seguinte, cujo ponto de referência se localiza numa situação projetada. 18

As noções descritivas que estou usando nesta fase, como já aludí, são concretas demais para poder se aplicar sem mais a cada exemplo do emprego dos aspectos. Para derivar todas as variantes dos significados aspectuais (significados muito abstratos, mais puramente relacionais do que sugerem as caracterizações possíveis nesta altura), será necessário tomar em conta variados fatores, entre eles os significados lexicais das predicções e - domínio muito pouco investigado - as interações com os outros recursos que sinalizam relações temáticas: acentuação, ordem das palavras, diátese... (existem observações esparsas sobre a interação entre aspecto e 'rematicidade' da predicção, acento etc., e, na pesquisa sobre a "relação fundamental" predicativa nas línguas tipologicamente diferentes, tem-se notado as interferências entre o aspecto e o caráter ergativo ou não desta relação).<sup>19</sup> A interpretação de dada forma aspectual depende muito da intenção comunicativa tal como ela se define no ponto da interação em que a forma está usada, e essa intenção, por sua vez, pode ser determinada por toda uma rede de intenções e subintenções dependentes da intenção global subjacente ao discurso inteiro. Em face desta situação só vou poder fornecer indicações sumárias sobre os significados estudados: uma proposta de abordagem mais do que uma análise acabada.

2.2. Aspectos de localização da relevância. O exemplo mais familiar de um aspecto sinalizando translocação da relevância temática imediata para uma situação projetada é o do imperfeito do português e de outras línguas. Mas parece que essa função tem uma distribuição mais ampla nos sistemas verbais: p. ex., é provável que, em português, mutatis mutandis ela se encontre também no futuro sintético, falarei etc. (ao passo que as formas analíticas - vou falar etc. - teriam relação temática mais imediata com a situação mais aproximada dos interlocutores), e não parece excluído teoricamente que uma língua a apresente, p. ex., no domínio dos imperativos.<sup>20</sup>

Estamos todos familiarizados com caracterizações da função do imperfeito como as seguintes (em relação ao português):

(Usamos o imperfeito) quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevermos o que então era presente (Cunha 1975, apud Travaglia<sub>2</sub> 1985: 170 - cp. Bechara 1977: 274)

... represents the past from a point of view within the past. One might say it is the present tense transferred into the past. Very often the same events or situations may be expressed in either the preterite or the imperfect, according as the speaker looks back from the present or transfers his point of view into the past (Thomas 1969: 120)

... on voit l'action en train de se dérouler. Il s'agit d'un fait passé. Mais aux yeux d'un observateur contemporain de l'action (ou qui se met à la place d'un tel contemporain) ce serait du présent (Sten 1973: 96).

Elas são claramente orientadas à função de translocação do ponto de referência. É interessante notar que até em Reichenbach, que muitas vezes é tomado como base de análises em termos puramente temporais, em um trecho-chave encontra-se formulação em termos de "ponto de vista"<sup>21</sup>)

A formulação em termos de "transposição do presente" se encontra em muitos autores, em referência ao português e a outras línguas (pelo português, cp. ainda Sten 1973: 102 e *passim*). Com efeito, o significado do imperfeito evidencia toda a indeterminação do significado do chamado presente, uma vez efetuada a "transposição": no interior da nova situação de referência, ele pode designar um fato estritamente simultâneo com um ponto de referência temporal estabelecido dentro desta situação (5), fatos de valor atemporal (6), fatos anteriores (7) e até posteriores (8), (9) ao ponto de referência:

- (5) Dois minutos depois Robert vinha ao meu encontro (apud Sten, 1973: 99)
- (6) Não acreditava mais em Deus. Mas desde que se surpreendia com aqueles pensamentos de incrêu ficava com medo. Deus tinha olhos e ouvidos que viam e escutavam tudo, que iam até aos pensamentos, aos desejos, à vontades. Deus entrava pelas portas fechadas, atravessava as paredes grossas, furava a terra, rompia as nuvens. Então ficava com medo de castigos (José Lins do Rego, Usina. 12a. ed., Rio de Janeiro 1985: 62).
- (7) Ele não tinha com que festejá-lo como fazia antes da guerra (apud Sten, 1973: 97).
- (8) Precisavam de gente. Amanhã chovia no sertão e ninguém podia contar mais com sertanejo (Usina p. 244).
- (9) Não telefonei para casa a prevenir a mãe, ou a criada, de que jantava fora e chegava tarde (apud Sten, 1973: 103).

À função do "presente", o imperfeito acrescenta unicamente a transposição do ponto de referência temático, uma sinalização de caráter indireto da relação de relevância: os fatos predicados são a considerar em primeiro lugar sob o ponto de vista do seu impacto para a situação projetada. Fora dessa translocação, o imperfeito não tem função sistemática outra que a de efetuar "mera predicação", como o presente.

Propositalmente, esta caracterização não faz referência a um traço semântico de anterioridade: como se sabe, o imperfeito do português - assim que suas quase-correspondências em muitas línguas - não se refere unicamente a situações "passadas", mas também a situações hipotéticas, frequentemente até situadas num ponto temporal posterior ao da situação de fala:

- (10) Ele mesmo lhe dissera que se em Cuba soubessem que no Brasil uma usina estragava vinte por cento de seu açúcar, não acreditavam. (José Lins do Rego, Usina, p. 144)
- (11) Queres vir cá jantar? Davas-me um grande prazer (apud Sten, 1973: 103)

Mesmo quando se trata de situação de referência "passada" o imperfeito não indica que o fato predicado seja só do passado:

(12) O que eu pude responder? Afinal, ele era meu pai.  
não implica que o pai já não viva ou que a relação pai-filho não exista mais.

O imperfeito, então, não tem valor temporal consistente em relação ao 'presente'. Do perfeito também, ele não difere consistentemente em termos temporais. Mas contrariamente ao uso do perfeito, que estabelece uma relação imediata com a situação temática relativamente mais aproximada dos interlocutores, a enunciação dum fato no imperfeito caracteriza em primeiro lugar a situação projetada, a relação de relevância com a situação temática mais aproximada sendo indireta (cp. abaixo p. 97).

Para concluir, gostaria de dar um exemplo que ilustra a capacidade dos signos dêiticos de evocar 'ativamente' os pontos de referência pressupostos pelo seu significado:

- (12) (No restaurante universitário. Um grupo de estudantes se sentou a uma mesa. Chega outra estudante e pergunta:)  
Tinha uma pasta preta?

A situação de o grupo de estudantes chegar à mesa e sentar-se não está "dada", na situação de fala, no sentido usual (a falante não estava presente então e esta situação também não foi objeto de comunicação), mas somente implicada pelos fatos. O uso do imperfeito (junto aos usuais processos de inferência) a 'evoca' como situação de referência

2.3.1. Aspectos de 'evento'. O exemplo clássico dum aspecto que confere ao predicado o valor de enunciação dum 'evento' dum mudança de situação, é o aspecto perfectivo do russo. Ele é expresso não somente em formas do passado, mas também em conjugação com o chamado presente, no imperativo e até em formas não-finitas tais como o infinitivo. Em português, esse tipo de aspecto tem uma forma somente: combinado com o traço temporal de anterioridade, na forma do perfeito simples (tais restrições de combinação são freqüentes nos sistemas verbais).

A noção de 'evento' (mudança de situação) implica a de situação, e é assim que o perfeito (simples) sempre implica referência a uma situação, à configuração de fatos afetada pelo 'evento'. Daí a insistência dos gramáticos no caráter "definido", "delimitado" do perfeito simples (como também do aspecto perfectivo russo). Ordinariamente, essa 'determinação' vem explicitada em termos temporais, cp.

O pretérito perfeito (simples, AF) fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado. (M. Said Ali, apud Bechara 1977: 274.)

Mas na realidade, além do traço de anterioridade, que se encontra também no perfeito composto, o perfeito simples não dá nenhuma especificação de caráter estritamente temporal; a forte impressão de 'determinação' resulta do fato de que ele denota uma mudança com respeito a uma situação específica, a situação afetada. A inferência de localização temporal é secundária (cf. p. 93). A propósito do aspecto perfectivo russo, Forsyth (1970: 8 e passim) fala de relação com "a single specific juncture"

"A perfective verb expresses the action as a total event summed up with reference to a single specific juncture",

formulação que apropriadamente enfatiza o caráter situacional do ponto de referência, em vez das possíveis implicações temporais.

Como já disse, os significados aspectuais variam muito com os fatores situacionais, as intenções e a estrutura do discurso e a reflexão destes fatores na estrutura do enunciado no qual está usada dada forma aspectual. Assim, a significação do perfeito varia com o caráter lexical do predicado, com sua 'rematicidade', com o tipo de texto ou discurso, etc. É sabido que em discurso narrativo, o perfeito é empregado na enunciação dos acontecimentos que juntos exprimem o (macro-) evento contado, ao passo que as formas de imperfeito servem para enunciar fatos na perspectiva das situações envolvidas (estou abstraíndo as sub-estruturas dentro da narrativa que podem exigir o uso do perfeito por outras razões). Em discurso primariamente não-narrativo (que, porém, pode incluir porções narrativas), as enunciações no perfeito são mais diretamente ligadas aos assuntos temáticos do que as no imperfeito que dão, elas, perspectivas situacionais (mais uma vez, estou negligenciando as sub-estruturas encaixadas). Toda esta variação está aguardando mais exame.<sup>22</sup>

Para concluir, um exemplo que ilustra o princípio de que os significados dêiticos são intrinsecamente orientados não para a situação de fala, mas para a situação de referência tal como ela se dá no dado ponto do discurso.

- (13) Conversação entre L, uma brasileira, e mim, às 20.30 h, pouco antes do início de uma cerimônia de casamento, sobre a duração relativa das festas de casamento na Alemanha e no Brasil (foi a primeira à qual eu assisti no Brasil). Depois de contar que na Alemanha costumam durar um

dia inteiro:

AF: No Brasil são bem mais breves, não é?

L: É verdade. Esta aqui - por volta das onze horas provavelmente já acabou.

O ponto de referência para a interpretação de acabou se situa no futuro, relativamente à situação de fala, e a anterioridade denotada pela forma é relativa a esse ponto de referência, não ao momento em que se fala.

2.3.2. Aspectos de configuração situacional. Uma indicação do tipo e relevância temática é dada também pelo "progressive" do inglês e de outras línguas. Em português, este aspecto é representado pelas formas em estar + gerúndio. Elas têm uma distribuição muito ampla no sistema, combinando-se com quase qualquer outra categoria verbal.<sup>23</sup>

Conforme as caracterizações usuais, estas formas designam "continuidade de ação", "duração", fatos "em desenvolvimento", fatos "que já começaram mas ainda não terminaram". Tais definições, porém, caracterizam possíveis condições do emprego, sem definir o significado, a função mesma: fatos "em desenvolvimento" são passíveis de expressão tanto por formas não-progressivas como progressivas, e a substituição de uma forma progressiva por outra não-progressiva não resulta necessariamente numa modificação do sentido quanto a esse traço.

(14) Carlinhos trabalha no IBC desde 1965.

Carlinhos está trabalhando no IBC desde 1965.

Carlinhos trabalhava no IBC quando casou.

Carlinhos estava trabalhando no IBC quando casou.

(apud Corôa, 1985: 79)

(15) (Sou um dos primeiros passageiros no ônibus e o cobrador não pode me dar todo o troco dos Cz\$ 50,- que lhe dei. Ele me faz sinal de ficar perto dele e diz) Estou-lhe devendo trinta.

(16) (Numa loja de ótica, depois que o assistente entregou os óculos consertados:) Quanto lhe devo?

Convém notar um fator importante que costuma ficar implícito em caracterização do tipo aduzido: as noções de continuidade, duração, fato em desenvolvimento, fato que já (!) começou e ainda (!) não terminou, são relativas a um ponto de referência. À primeira vista, esse ponto de referência parece ser de caráter temporal, mas de fato ele é situacional, ou (inter)acional. O progressivo chama a atenção do ouvinte para uma configuração situacional que existe "no momento" ("momento" que pode ser muito extenso, dependendo do assunto temático), não por ser essa configuração dada em certo ponto de tempo, mas bem por causa duma relação temática com um evento (potencialmente) determinante para ou determinado por ela.

Vou ilustrar esta caracterização com alguns exemplos e comentários:

- (15) (vide acima) Normalmente a transação entre cobrador e passageiro termina uma vez que este passou pela roleta - o passageiro poderá afastar-se, ir procurar um assento onde quiser. É com esse 'evento' esperado e, portanto, potencialmente temático, que o enunciado estabelece uma relação; a configuração situacional enunciada deve impedir esse evento ("não se afaste", "fique perto").
- (16) Estou dormindo (bilhete na porta do vizinho). O 'evento' esperado e portanto potencialmente temático é o passível visitante bater na porta; como em (15), a situação enunciada deve impedir esse 'evento' ("não bata na porta", "volte mais tarde").
- (17) (Chego na porta de um chaveiro por volta de meio dia e quinze, no momento em que ele está para trancar a porta da loja e ir embora. Ele me olha e diz:) Estou saindo. ("A situação é tal que a senhora não vai poder realizar a ação planejada - tirar cópia de chave"). O 'evento' planejado era óbvio na situação, portanto potencialmente temático. O enunciado indica uma configuração situacional que o impede.
- (18) (Chego à parada quando o ônibus acaba de sair. Mas o motorista tem que esperar no sinal e aproveita para abrir a porta para mim. Eu agradeço e ele responde amavelmente:) O semáforo estava ajudando! - É diretamente temático o meu agradecimento e, portanto, o 'evento' de o motorista abrir a porta para mim. A configuração situacional enunciada facilitou esse evento.
- (19) Quincas, porém, nem ouvia. Atirava a cabeça para o lado do Cabo Martim, que pretendia subtrair-lhe, naquela horinha mesmo, um trago na distribuição da bebida. Quase derruba a garrafa com a cabeçaçada.  
- Dá a cachaça do paizinho... - exigia Negro Pastinha.  
- Ele estava desperdiçando - explica o Cabo. (Jorge Amado, A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água, p. 88).  
É temático o evento de Cabo Martim ter omitido Quincas na distribuição da cachaça. O enunciado indica a configuração que motivou o evento.
- (20) (Início de uma notícia de jornal:) O presidente do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), general Roberto França Domingos, disse ontem que possivelmente já a partir da próxima semana os postos de gasolina das cidades poderão funcionar facultativamente durante a noite e aos domingos e feriados. Isto está dependendo do presidente Sarney assinar decreto revogando o Decreto 93.706, de 11 de dezembro de 1986, atualmente em vigor. ("Combustível nos feriados depende apenas de Sarney", Correio Braziliense, 2/4/1987.)  
É temática a possível mudança no regime de abertura dos postos. O enunciado indica a configuração situacional que faz com que esse even-

to fique virtual. (Interessante o uso da forma não-marcada na manchete: mera predicação, sem as referências contextuais estabelecidas no texto.)

(21) Não estou entendendo (interrupção do discurso do interlocutor). Tematiza a intenção do interlocutor de fornecer certa informação, e indica a configuração que impede sua realização (pode servir assim de pedido de melhor explicação).

(22) (Placa na entrada das estações de metrô no Rio:) O metrô está funcionando para você de segunda a sábado das 6:00 às 23:00 h. - Evoca (tematiza) as situações (dentro do quadro estabelecido por de segunda a sábado etc.) em que o potencial passageiro chegar à estação para usar o metrô, e enuncia a configuração situacional que será dada e permitirá a realização desta intenção, deste 'evento').

Todos esses exemplos ilustram que a relação temática da forma é com um 'evento', não com um marco ou período temporal (ainda que tal relação temporal seja inferível). Esse fato resulta claramente também de uma série de exemplos e comentários num artigo recente sobre o progressivo português (Ilari e Mantoanelli 1983: 37-45). P. ex.:

(23) - O José Teixeira está sendo indicado para a chefia.

- Quem? O José Teixeira; Você está brincando!

(24) - Quero pagar o livro que você me mandou.

- Você está me ofendendo! O livro é um presente!

(25) - Apanhei uma gripe por ter dormido com a janela aberta.

- Você está sendo muito descuidado.

(26) - Aceitei a incumbência de sobrescritar os envelopes para a sociedade de filólogos amadores.

- Você está sendo bobo.

Nestes exemplos e outros semelhantes (ibid. p. 27 e 28), a predicação sublinhada estabelece uma relação com uma ação, verbal ou não, imediatamente temática. A propósito de casos do tipo de (23) e (24), os autores notam "a possível alternância com o imperativo negativo" (não brinque, não me ofenda) - cp. nossos exs. 15, 16 - e a possibilidade, em alguns casos, de parafrasear por meio da forma do presente simples, acrescentando um assim (assim me ofende...): ambos os tipos de parafrase ressaltam a orientação temática para uma ação (um 'evento'), não para um marco ou período temporal. A propósito do tipo ilustrado por (25) e (26), observam que somente frases correspondentes no presente simples exprimiriam insulto, ao passo que as formas dos exemplos dão uma apreciação "contingente à ação" (temática).<sup>24</sup>

No que precede, procurei sobretudo ilustrar o caráter não-temporal do ponto de referência das predicções no progressivo. Os exemplos podem não ser representativos de toda a variação contextual dos sentidos. Por exemplo, ainda que me pareça que, em última análise, o ponto de referência seja sempre constituído por um

‘evento’ (potencialmente) temático, não pode excluir ainda a possibilidade de que possa também consistir numa ‘situação’.

2.2.3. Aspectos de ‘evento’ e de ‘configuração situacional’: conclusões. É importante distinguir, por uma lado, a enunciação de um evento, a enunciação de uma situação (‘configuração situacional’) por meio de uma forma aspectual, e, por outro, a referência temática de uma forma aspectual a um evento ou uma configuração situacional; e como hipótese de trabalho eu proponho que exista uma perfeita complementaridade: o aspecto que enuncia ‘evento’ estabelecendo referência temática a uma configuração situacional, e o aspecto que enuncia uma configuração situacional estabelecendo referência temática a um ‘evento’ (vide, porém, o fim da última seção).

O português tem a interessante característica de apresentar, arborescentes aspectos, inclusive em combinação (estive falando). Outras línguas podem apresentar só um deles como aspecto ‘positivo’, marcado. Assim, o inglês não tem marca explícita de ‘evento’, marcando somente a enunciação de configuração situacional em relação temática com um evento (progressive aspect); conforme o princípio da markedness, o termo correspondente não-marcado serve indiferentemente para enunciar ‘eventos’ e para fazer predicções genéricas. O russo, pelo menos em grande parte do sistema, ‘marca’ a enunciação de ‘eventos’ (aspecto “perfectivo”), o termo não marcado correspondente servindo tanto para enunciar configurações situacionais quanto para fazer predicções genéricas. (Talvez essa língua apresente um padrão de split aspect marking, marcando positivamente, em parte, a expressão de evento, em parte, a de configuração situacional. No plano formal, é evidente que é em parte o aspecto perfectivo e em parte o aspecto imperfectivo que são marcados por um acréscimo morfológico, mas restam a examinar as possíveis correspondências funcionais. Tal padrão seria comparável à chamada split ergativity de muitas línguas.) Se o português apresenta arborescentes aspectos, e até em combinação, resta a notar que o aspecto de ‘evento’ é de distribuição muito limitada no sistema, contrariamente ao caso do russo, p. ex. (cf. acima 2.3.1), e a complementaridade, em termos funcionais, dos dois aspectos talvez se reflita no uso relativamente restrito da combinação (cf. também Travaglia 1985: 220ss.).

Excursão: O perfeito composto do português. É costumeiro atribuir valores “aspectuais” a esta forma (... exprime repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual”, Bechara 1977: 274). Porém,

- 1) Tais traços decorrem do contexto (entre outros fatores, do tipo semântico dos lexemas predicativos, Castilho 1968: 57).
- 2) Há casos em que a interpretação no sentido de repetição, habitualidade, duração até o momento de fala claramente não capta a intenção subjacente ao emprego da forma:

- (27) "Místicos e poéticos" - são ainda os portugueses segundo Bell (o inglês que depois de Beckford melhor tem sentido e compreendido a gente e a vida de Portugal). (Gilberto Freyre, Casa-grande e senzala, 7a. ed., RJ 1952, p. 100)

Antes, poder-se-ia dizer que a forma refere a um espaço de tempo indeterminado que precede o momento de referência (no caso, de 'fala'). Toda delimitação do início deste espaço é devida ao contexto, no sentido largo (neste caso, depois de Beckford). O fato predicado se localiza dentro desse espaço. Ora, a formulação "espaço indeterminado de tempo que precede o momento de referência" equivale a uma definição da noção de passado.

3) A marca morfológica que define o perfeito composto se encontra numa série de outras formas, e em todas essas combinações exprime somente "passado", anterioridade. Cf. as correspondências

- (28) fala : tem falado  
falava : tinha falado  
falou : -  
falará : terá falado  
falaria : teria falado  
falar : ter falado  
falando : tendo falado

Estas formas não costumam se interpretar como expressões de repetição etc. (vide, sobretudo, Travaglia<sub>2</sub> 1985: 205ff); a "prolongação" aqui obviamente é relativa ao ponto temporal estabelecido pelos outros componentes das formas em interação com o contexto. A diferença entre as formas correlativas é unicamente temporal ('anterioridade').

Onde há fumaça, há fogo. Porém, os traços de repetição, prolongação até o presente etc. tradicionalmente observados em relação às formas do perfeito composto são traços característicos dos contextos onde essas formas se empregam. Para explicar sua especialização para tais contextos, convém considerar que o perfeito composto é a única forma, no quadro de correspondências exibido acima, que está em oposição direta com uma forma aspectual, o perfeito simples, essas duas sendo as únicas formas do sistema que exprimem anterioridade (e não translocam o ponto de referência temático). Ora, toda vez que o falante quiser enunciar um 'evento' passado, uma 'mudança' - e vimos acima que isso implica 'situação específica' -, impõe-se o perfeito simples. Vale dizer, o perfeito composto só será empregado quando o falante quiser localizar o fato no passado sem ligá-lo a uma situação específica (e sem translocação da relevância temática).

Essa análise praticamente coincide com a de Sten, que só chegou ao meu conhecimento depois de eu haver terminado a minha. "A mon avis, ce qui est essentiel, c'est que le parfait (composto, AF) exprime le "parfait" de façon vague, indétermi-

née, sans les contours nets du préterit (perfeito simples, AF)... Dans les cas concrets, ce "sens fondamental" peut se manifester par une nuance durative ou itérative (nuances qu'on a notées aussi au sujet de l'imparfait)." E, em perspectiva histórica: "... le préterito a gardé ...son caractère de nettement accompli. Je pense donc que le perfeito (composto, AF) aurait été amené, par opposition à l'autre forme, à être réservée aux cas où il n'y a pas la même limite nette.....c'est un facteur négatif (le fait d'avoir été "chassé" par le préterito des emplois où cette forme règne en plein droit) qui a causé les restrictions dans l'usage du parfait composé qu'on observe aujourd'hui" (Sten 1973: 240, grifos meus).<sup>25</sup>

3. Observações finais. No que precede, eu pude apenas esboçar o modelo proposto. As noções precisam ser refinadas, e será necessário estudar sistematicamente os padrões de variação contextual das funções, como também questões de tipologia.

Mesmo nesta fase preliminar, porém, parece possível indicar algumas prováveis vantagens do modelo.

Ele permite uma abordagem integrada às categorias de aspecto, tempo e modo, que ao mesmo tempo fornece uma base para as delimitar uma contra a outra (vide acima p.91), e deixa entrever possibilidades de captar e explicar as interações entre os aspectos e os outros recursos que sinalizam relações de tematicidade, sem confundir os domínios respectivos desses recursos (cf. acima p. 89).

A integração do aspecto no domínio da dêixis situa as análises num quadro teórico mais geral que lhes fornece noções heurísticas e controladoras, procurando-se os paralelos entre o aspecto e os outros signos dêiticos.

Enfim, o modelo permite incorporar - com certas reinterpretações - as observações intuitivas concordantes de um grande número de filólogos e lingüistas, resultantes frequentemente de meticoloso estudo de textos, mas formuladas muitas vezes num idioma que não satisfaz às exigências nocionais e terminológicas do presente. A transposição efetuada pelo imperfeito, p. ex., perde algo do caráter misterioso de operação de empatia e revela-se como um recurso bastante comum no domínio da dêixis, que provavelmente tem a racionalidade básica de orientar a busca dos pontos de referência em casos de potencial conflito entre situações temáticas (vide acima p. 93) - a empatia sendo um dos possíveis usos de tal recurso (p. ex., na literatura).

Esta contribuição teve por objetivo central o de propor um modelo que possa estabelecer o caráter dêitico da categoria. Na exposição (não na pesquisa), eu tive que negligenciar indevidamente um fator de alta importância: a influência da organização do sistema aspectual de cada língua sobre a delimitação dos significados. Tem um papel decisivo aqui o princípio formulado por Jakobson na sua teoria das marcas ("markedness theory"). Mas isso seria matéria para outra exposição.

---

#### NOTAS

1. Há algumas poucas exceções: Benveniste 1966 (1956): 255; Heger 1963 (que, porém,

- contrariamente à presente proposta, fala em dêixis temporal); um trecho em Rafferty 1982 (66s).
2. Comrie usa "situation" como termo capa para os eventos, estados, ações etc. denotáveis pelos lexemas predicativos. Conforme a proposta feita por Sônia Bastos Borba Costa numa comunicação durante o 2º Encontro Nacional da ANPOLL 1987, no Rio de Janeiro, vou usar "fato" neste sentido, no que segue (ou, às vezes, "estado de coisas")
  3. Cf. as observações em Levinson 1982, cap. 2, neste sentido.
  4. Para mais detalhe, vide Fuchs ms.
  5. Para esses alargamentos do inventário dêitico, vide sobretudo Benveniste, os trabalhos de Fillmore, Rauh 1983, Levinson.
  6. Vide Levinson 1982: 87ss.
  7. Rauh 1983: 33ss. propõe "the topical dimension", que sem dúvida poder-se-á integrar na dimensão de relevância temática, uma vez explicitado esse último conceito mais sistematicamente. Em Fuchs 1958: 458 eu falei em relevance deixis a propósito da acentuação; cf. também, mas com sentido diferente, a dimension of relevance de Rauh 1983: 39. - A noção de assunto de referência ou contexto temático é afim às noções de discourse topic de Keenan/Schieffelin e context de Sperber/Wilson; vejam-se estas obras para importantes explicitações.
  8. Para o modo verbal, vide seção 1.3. - A classificação dos elementos modais como pertencentes ao domínio da função expressiva, não da representativa, se deve a Halliday ("Through modality, the speaker... intrudes, and takes up a position. Modality thus derives from... the 'interpersonal' function of language, language as expression of role", Halliday 1970: 335), cf. também Benveniste. - A noção de "authorized speaker", em Fillmore 1971, provavelmente pode se interpretar no sentido do que eu disse no texto sobre a atribuição dos elementos expressivos a uma pessoa 'fonte'
  9. Uma distinção feita já por Bühler e Burks, vide Rauh 1983: 10f. O termo "simbólico", neste contexto, conforme Rauh, é de Burks.
  10. Cf. especialmente Fillmore 1981 (1976); Brown & Levinson 1978: 123-127, 209-211; Rauh 1978 cap. 3, Fuchs ms.

11. Essa prática, além de restringir o campo de visão, tende a levar a contradições, cf. Fuchs ms. Uma definição menos estreita facilita a inclusão dos elementos anafóricos no domínio da dêixis - elementos que compartilham a característica da orientação intrínseca para as coordenadas básicas duma situação de referência.
12. É uma falha da abordagem de Hopper, que justificadamente reconhece a afinidade desses vários recursos, de não separar os diferentes subsistemas envolvidos no estabelecimento de relações temáticas (de "background" e "foreground", conforme a dicotomia simplificadora de Hopper).
13. Para a noção de "nexus" predicativo, vide Jespersen.
14. É provavelmente por isso que, conforme afirmam diversos autores (cf. Lyons 705), a categoria do aspecto, que é ligada à relação de relevância, é mais difundida nas línguas e aparentemente mais básica na aprendizagem do que a do tempo.
15. Há uma inexatidão na formulação do princípio enunciado, que, porém, não o invalida: certos aspectos - p. ex., o 'progressivo' português - têm expressão não flexional, mas derivacional; por isso, podem se encontrar numa forma de "presente". - As várias 'significações' que as gramáticas costumam atribuir ao presente derivam dos contextos. O caráter basicamente atemporal do presente resulta bem, p. ex., do seu emprego em resumos de fatos passados, dos acontecimentos numa narrativa, num drama; do emprego nas manchetes de jornal (onde pode enunciar fatos passados, "presentes", futuros...).
16. Esta concepção da estrutura do sistema dispensa a noção - jakobsoniana como a da "markedness" - de "signe zéro": no próprio Jakobson, essas noções se contradizem.
17. Mas muitos autores, insatisfeitos com a aplicação de noções estritamente temporais aos sistemas verbais, já recorreram a redefinições do conceito mesmo de tempo ("temps psychologique" etc.).
18. Os signos do segundo tipo são anafóricos, e na literatura freqüentemente tem-se atribuído um caráter "anafórico" aos imperfeitos. - Cf. também Lyons, com base em Joos, sobre a distinção "past vs. non-past" (imperfeito vs. forma não-marcada) "as a special case of the distinction, remote vs. non-remote" (there vs. here, then vs. now, etc.).
19. Para observações sobre a interação entre aspecto e 'tematicidade', vide Latzel 1974, Forsyth 1970: 82-91, e indicações úteis em Hopper 1979.

20. O futuro analítico costumam-se caracterizar como futuro "mais próximo". A intuição é válida, sob a hipótese proposta no texto, no sentido que não haveria aqui translocação do ponto de referência. A explicitação usual em termos temporais, porém, não dá conta dos fatos, cp. o seguinte trecho:

Quando no dia da ira

Os anjos reunirem os artistas...

Vai ser difícil ao Filho

Austeridade de Juiz... (Dom Helder Câmara, O deserto é fértil, p. 98.)

Um aliás: eu considero o chamado futuro como categoria modal, não temporal.

21. Comentando um trecho com formas de perfeito (e presente), em comparação a outro, com formas de imperfeito (e mais-que-perfeito): "... here obviously the past events are seen, not from a reference point situated also in the past, but from a point of reference..." (1947: 289, grifos meus).

22. A relevância 'mais imediata' do perfeito, em perspectiva sistemática, é um traço negativo, resultante da não-translocação do ponto de referência temático (os próprios traços definidores do perfeito simples português são 'evento' e anterioridade). Mutatis mutandis (o perfect inglês não é caracterizado pelo traço 'evento'), isso vale também para a "present relevance" que costuma-se atribuir ao perfect inglês. - A abordagem de Hopper 1079, que com razão (e em concordância com a tradição) enfatiza o papel da organização do texto pelo emprego dos aspectos, se limita à estruturação básica da narrativa.

23. O 'progressivo' português, apesar de se distinguir do do inglês em várias modalidades do emprego, parece ter a mesma função básica que este. Para uma análise mais aprofundada do português sem dúvida seria necessário delimitar o significado das formas em estar + gerúndio contra os das construções que usam outros verbos auxiliares (ir, vir - ambos verbos dêiticos -, andar. - Estou usando o termo 'progressivo' por falta de outro, sem implicação semântica particular.

24. Outros exemplos e comentários l. cit. - Stella Maris Bortoni (comunicação pessoal), a propósito de alguns exemplos, observou um efeito de "pulo de etapa", metáfora que, a meu ver, traduz bem a forte referência implícita a outro fato que se dá quando um fato é enunciado no progressivo. - Hundertmark & Martins (em relação as estou a + infinitivo do português lusitano) mencionam que a forma pode exprimir o interesse do falante na realização duma ação (estás a ouvir? estás a perceber?) - mais uma formulação que aponta para o caráter não-temporal da referência dessas formas. - Vide também Corôa para uma análise do progressivo que dispensa as noções temporais.

25. A parte histórica dessa análise Sten qualifica de "pure hypothèse de ma part".

## BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo. 1975. Moderna Gramática Portuguesa. 19a. ed. (4a. reimpressão). São Paulo: Companhia Editora Nacional.

BENVENISTE, Emile. 1966 1956. De la subjectivité dans la langue. Problèmes de linguistique générale I, 176-186. Paris: Gallimard.

BROWN, Penelope & Levinson, Stephen. 1978. Universals in language use: politeness phenomena. Questions and politeness, ed. by Esther N. Godoy. Cambridge etc.: Cambridge University Press.

CASTILHO, Ataliba T. de 1968. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. Marília, SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

COMRIE, Bernard. 1976. Aspect. Cambridge etc.: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 1985. tense. Cambridge etc.: Cambridge University Press.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. 1985. O Tempo nos Verbos do Português. Uma introdução à sua interpretação semântica. Brasília DF: Thesaurus.

FILLMORE, Charles. 1971. Towards a theory of deixis. The PCCLLU Papers, 3.4, 219-241. University of Hawaii: Department of Linguistics.

\_\_\_\_\_. 1972. How to know whether you're coming or going. Linguistik 1971, Karl Hyldgard-Jensen (org.). Frankfurt: Athenäum.

\_\_\_\_\_. 1981 (1976). Pragmatics and the description of discourse. Radical Pragmatics, ed. by Peter Cole. New York etc.: Academic Press.

FORSYTH, J. 1970. A Grammar of Aspect. Cambridge: University Press.

FUCHS, Anna. 1980. Accented subjects in 'all-new' utterances. Wege zur Universalienforschung, Gunter Brettschneider e Christian Lehmann (org.s). Tübingen: Gunter Narr.

\_\_\_\_\_. ms. Observações sobre a dêixis.

GRICE, H. Paul. 1975. Logic and Conversation. Syntax and Semantics, vol. 5, ed. by Peter Cole and Jerry Morgan, 43-59. New York etc.: Academic Press.



HALLIDAY, M.A.K. 1970. Functional Diversity in Language as seen from a Consideration of Modality and Mood in English. Foundations of Language 6.322-361.

HEGER, Kalus. 1963. Die Bezeichnung temporaldeiktischer Begriffskategorien im französischen und spanischen Konjugationssystem. (Zeitschrift für romanische Philologie, Beiheft 104.) Tübingen.

HOPPER, Paul A. 1979. Aspect and Foregrounding in Discourse. Discourse and Syntax (= Syntax and Semantics, vol. 12), ed by Talmy Givón, 213-241. New York etc.: Academic Press.

\_\_\_\_\_. ed. 1982. Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

HUNDERTMARK, Maria Teresa & Martins, Santos. 1982. Portugiesische Grammatik. Tübingen: Niemeyer.



ILARI, Rodolfo & Montoanelli, Ivonne. 1983. Formas Progressivas do Português. Cadernos de Estudos Linguísticos 5. 27-60. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem.

JAKOBSON, Roman. 1971 1932. Zur Struktur des russischen Verbums. Selected Writings, vol. 2. 3-15. Den Haag etc.: Mouton.

\_\_\_\_\_. 1971 1957. Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb. *ibid.*, 130-147.

JESPERSEN, Otto. 1924. The philosophy of grammar. London: Alen & Unwin.

JOOS, Martin. 1964. The English Verb. Madison etc.: The University Press.

KEENAN, Elinor O. & Shieffelin, Barbi. 1976. Topic as a Discourse Notion: a Study of Topic in the Conversations of Children and Adults. Subject and Topic, ed. by Charles N. Li, 337-384. New York etc.: Academic Press.

LATZEL, Sigbert. 1974. Zum Gebrauch der deutschen Vergangenheitstempora. Hermann Geilhaus & Sigbert Latzel, Studien zum Tempusgebrauch im Deutschen, 196-346. Tübingen: Narr.

LEVINSON, Stephen. 1983. Pragmatics. Cambridge: Cambridge University Press.



LYONS, John. 1977. Semantics. vol. 2. Cambridge etc.: Cambridge University Press.

RAFFERTY, Ellen. 1982. Aspect in Conversational Indonesian. Hopper ed. 1982, 65-87.

RAUH, Gisa. 1978. Linguistische Beschreibung deiktischer Komplexität in Texten. Tübingen: Narr.

\_\_\_\_\_. 1983. Aspects of Deixis. Essays on Deixis, ed. by Gisa Rauh, 9-60. Tübingen: Narr.

REICHENBACH, Hans. 1947. Elements of Symbolic Logic. London: Sperber, Dan & Wilson, Deirdre. 1986. Relevance: Communication and Cognition: Oxford: Blackwell.

STEN, Holger. 1973. L'emploi des temps en portugais moderne. Kopenhagen: Munksgard.



THOMAS, Earl W. 1969. The Syntax of Spoken Brazilian Portuguese. Nashville, Tenn.: Vanderbilt University Press.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. 1985. O aspecto Verbal no Português. Edição Reviada. Uberlândia MG: Universidade Federal.

TWADDELL, W. Freeman. 1973. The English Verb Auxiliaries. Providence N.J. etc.: Brown University Press.

---

## TEXTOS

AMADO, Jorge. A morte e a morte de Quincas Berro D'água. 57a. ed., 1986. Rio de Janeiro: Editora Record.

CÂMARA, Dom Helder. O deserto é fértil. 12a. ed. 1983. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira..

COUTO, Hildo Honório do. O que é português brasileiro. 3a. ed., 1987.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande e senzala. 7a. ed. 1952. Rio de Janeiro: José Olympio.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo. 2a. ed., 1985. São Paulo: Editora Ática.

REGO, José Lins do. Usina. 12a. ed. 1985. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas. 1986. São Paulo: Edições Loyola.